

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

OLHAR SOBRE A JUVENTUDE NAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS: FORMAÇÃO E PERSPECTIVAS

Georgia Araújo de Oliveira Costa; Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante.

¹ Bolsista IC/FAPESB, Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: georgia_fsa@yahoo.com.br

² Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ludmilaholanda@yahoo.com

Palavras-chave: juventude rural; Escola Família Agrícola; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se na problemática geral das relações construídas no meio escolar, entre as práticas educativas utilizadas para ensinar e os significados atribuídos pelos sujeitos que aprendem. O universo particular que faz parte do estudo é a Escola Família Agrícola (EFA), que pauta os objetivos de ensino, sua gestão, o planejamento, a avaliação, os instrumentos pedagógicos, as atividades e os espaços de ensino na Pedagogia da Alternância (PA).

A PA é uma práxis pedagógica que visa à formação educacional apropriada ao meio rural, possibilitando momentos alternados de formação entre escola/família/meio sócio-profissional, via o trabalho da escola/família. Neste sentido exige uma prática educativa diferente da escola convencional, ela possui instrumentos pedagógicos que estabelecem conexões entre os espaços educativos da escola/família/comunidade, visando uma formação integral do estudante.

Historicamente a educação oferecida aos jovens do rural foi pautada em práticas educativas urbanocêntricas, sem considerar o contexto em que vivem. Com a crescente mobilização dos movimentos sociais do campo, outras metodologias de ensino pautadas em diferentes concepções de educação, se tornaram opção para os camponeses (sujeitos sociais do campo, na luta da via camponesa). Desse modo, pressupõe-se que, a EFA é uma instituição em que os sujeitos do campo constroem/fortalecem seus saberes e conhecimento, valores, cultura e identidade. Entender como o processo educativo no campo tem uma estrutura diferenciada dos processos urbanos é importante para ajudar na compreensão e formulação de políticas públicas sociais e educacionais para tais contextos.

Com o projeto de pesquisa “Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido: possibilidades de uma educação socioambiental do campo” (CONSEPE - UEFS181/2008) que se propõe avaliar os dez anos de atuação desta rede, o cotidiano de pesquisa encontra viabilidade de estudos teóricos sobre o tema, grupos de discussão, leituras e estudos sobre a PA, acompanhamento à viagens aos contextos das EFAs, assim como o acompanhamento do grupo em encontros de Formação Continuada dos monitores da rede.

A REFAISA visa à formação de jovens considerando a peculiaridade de viver no/do campo, o que se revela um interessante universo de análise e registro acadêmico. Dessa maneira, o estudo com o foco na juventude rural baiana e sua relação com as maneiras que o campo está se educando, é relevante, pois há uma quase ausência de estudos no que concerne o debate da formação do jovem do rural (CARNEIRO, 2005), principalmente no estado da Bahia. As escolas famílias que fazem parte desta pesquisa, são instituições de Ensino Médio, integrantes da REFAISA.

Destarte, a análise dos dados e o diálogo com a teoria, sobre a discussão das práticas educativas para a juventude no rural, via os estudantes das EFAs, traz reflexões sobre um

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

processo de construção de conhecimento de bastante pertinência para o debate da Educação do Campo e conseqüentemente para formação em Pedagogia.

METODOLOGIA

O trabalho apresentado é fruto do estudo desenvolvido a partir da abordagem qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986; GOLDENBRG, 1997; OLIVEIRA, 2007) que tem como metodologia, o estudo de caso (YIN, 2005), junto às escolas de Ensino Médio da REFAISA. Visando não perder o foco principal do estudo, inicialmente foi realizado o aprofundamento de referências bibliográficas sobre o tema, para que tais leituras dessem o suporte teórico e fundamentassem as análises realizadas. Buscou-se assim, entender as discussões teóricas realizadas sobre os conceitos principais da pesquisa. Desse modo, para compreender sobre Educação do Campo e o contexto das EFAs e a Pedagogia da Alternância estudou-se Arroyo, Caldart, Molina (2004), Queiroz (2004), Cavalcante (2007) entre outros. Para subsidiar a discussão da Juventude Rural e perspectiva de futuro dos jovens, foram indispensáveis a leitura de Abramo e Branco (2005), Carneiro (2005), Druston (1998), Melucci (1996), Velho (2006) entre outros. Ressalta-se que as discussões sobre os conceitos-chaves, perpassaram pelo grupo de estudo composto pela equipe do projeto de pesquisa a qual este trabalho está vinculado. Concomitantemente ao grupo de estudos, o trabalho empírico começou a ser realizado, como característica da pesquisa qualitativa, direcionamo-nos para conhecer os contextos e os sujeitos que deram voz à realidade que estudamos. Elaboramos os instrumentos de coleta de dados, os dados coletados serviram para análise parcial que apresentaremos neste trabalho. Os instrumentos utilizados para produção dos dados levantados na pesquisa foram a observação indireta, a entrevista semi-estruturada e o grupo focal (BARBOUR, 2009). Os sujeitos da pesquisa foram 30 jovens, estudantes de duas das quatro EFAs do Ensino Médio da REFAISA. As questões que elencamos como de fundamental importância para análise da juventude das EFAs foram: perfil, o conceito de ser jovem, o que os jovens pensam sobre a EFA, e as perspectivas futuras.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para compreender a importância de propostas alternativas de educação para os sujeitos do campo fez-se relevante entender o conceito de Educação do Campo. A expressão Educação do Campo passou a ser utilizada a partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo realizada em 1998, como uma reivindicação dos movimentos sociais do campo, para definir as práticas educativas que fossem pensadas para o rural, sob a perspectiva e lutas dos camponeses. (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2004).

No bojo destas discussões encontram-se as Escolas Famílias Agrícola (EFA). De acordo com Queiroz (2004) estas constituem uma experiência inovadora no Brasil, iniciadas na década de sessenta, e inauguram a experiência educativa com a Pedagogia da Alternância (PA). As EFAs estão sob a gestão da associação de agricultores, são escolas integradas e unitárias, pois abrangem o Ensino Médio e Educação Profissional e nascem das organizações sociais locais e/ou movimentos sociais do campo. No caso das EFAs, o Ensino Médio é articulado com a Educação Profissional, trabalha-se em regime de alternância e dentro do período estabelecido, o jovem conclui a educação básica e obtém a formação de Técnico em Agropecuária. A juventude é assim, a expressão maior do trabalho político pedagógico das EFAs, que visam qualificar a vida no campo a partir da educação e do desenvolvimento comunitário local

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A discussão sobre juventude rural busca conceituá-la como “não estática” (DURSTON, 1998), advinda de contextos distintos, nos quais os jovens do rural podem ter características diversas, sofrendo influências culturais, sociais e de território (Juventude no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Juventude Quilombola, Juventude Indígena, Juventude em espaços *Rurbanos* etc.). Carneiro (2005) aponta que, ao se falar do jovem do rural é comum referir-se a estes como membros da equipe de trabalho familiar, seja como aprendiz de agricultor, seja como trabalhador que complementa a renda familiar, não dando ênfase a toda uma trama sócio-cultural que estes estão envolvidos, correndo o risco de homogeneizar o debate da juventude e reduzi-lo à uma categorização sem diversidade ou contradições. Para Durston (apud CARNEIRO 2005, p.244), a juventude rural é uma “categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea”, é, portanto, construída histórica e socialmente.

Para as análises deste trabalho, foram entrevistados 30 jovens estudantes do Ensino Médio das EFAs, sendo 15 meninas e 15 meninos. Dentre o total de entrevistados, nenhum destes estudantes é casado ou tem filho, todos são solteiros, e ainda moram com os pais. Cursaram o Ensino Fundamental em escolas convencionais, pois nas duas EFAs de Ensino Médio visitadas nesta primeira etapa da pesquisa, não existe a modalidade do Ensino Fundamental. Outro ponto que merece destaque é que 10% dos estudantes já cursaram o Ensino Médio e optaram por fazê-lo novamente na EFA. A religião católica é predominante em relação a outras religiões sendo que dentro do universo de amostra 83,3% são católicos e 16,6% são evangélicos. Apesar da equivalência de gênero no conjunto amostral dos entrevistados, é visível a predominância do sexo masculino no contexto das escolas.

As narrativas dos jovens revelam a existência de uma relação familiar e com a comunidade de caráter diferenciado; a escola delimita um perfil de ressignificação dos jovens frente às suas famílias e contextos comunitários, via seus trabalhos de Alternância, seu diálogo de saberes entre a vida da escola e a vida fora dela. Identificamos que os jovens do EM, buscam uma identidade enquanto sujeitos do rural, suas falas se reportam para a valorização do contexto em que vivem, estudam e atuam, um reconhecimento de que o campo pode ser um lugar de qualidade de vida e que eles são sujeitos ativos neste processo.

Os estudantes afirmam que a formação profissional dos jovens na EFA visa qualificar o trabalho no campo. O currículo escolar (acesso a organização escolar da EFA) na Pedagogia da Alternância proporciona o contato com disciplinas das áreas técnicas para o trabalho no campo (Construções, Informática, Administração, Zootecnia, entre outras), assim como possibilita o desenvolvimento de competências para o trabalho/vida que pode se adequar para além do contexto do rural (formação política, convivência, formação humana). Ressaltamos ainda que a formação escolarizada com disciplinas de conteúdo elaborado convencionais (Matemática, Português, Geografia, Línguas Estrangeiras, História, etc.) são consideradas como momentos de importância para a formação dos jovens e para a identificação deles com as séries das escolas convencionais.

Os jovens da EFAs apresentam um discurso consciente sobre as dificuldades e desafios em torno de sua formação e das perspectivas de futuro no campo. Para eles, a EFA tem um papel importante nas suas trajetórias e de forma análoga há uma responsabilidade dos mesmos frente a este projeto comunitário. Em muitas narrativas, é percebido a angústia frente à expectativa comunitária, uma vez que estes jovens são escolhidos pela comunidade e responsáveis pelo diálogo entre o conhecimento popular e o conhecimento elaborado, assim como o percurso que tomarão na vida profissional é de interesse comunitário. Percebe-se, também, a consciência dos jovens no que concerne a falta de políticas para a juventude no sentido de qualificar a vida e perspectivas de futuro no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa qualitativa junto à REFAISA tem demonstrado que a EFA tem um significado relevante nas vidas dos seus jovens. Configura-se em um local de aprendizado, sociabilidade e perspectiva identitária para a juventude do campo. Até o momento, o nosso trabalho tem evidenciado o quanto o estudo dos contextos escolares das EFAs é relevante haja vista a importância que estas instituições têm no processo de formação do jovem do rural baiano, uma vez que há poucas instituições de Ensino Médio neste contexto. Assim, as EFAs propõem uma formação integral do jovem para que o mesmo possa desenvolver uma perspectiva de vida no ambiente em que estão inseridos, sem necessariamente precisar sair do campo para exercer com qualidade

As EFAs buscam atender demandas sociais, sejam em relação ao trabalho, seja em relação a formação humana, a identidade com o rural não é perdida, há uma preocupação destes jovens, com a qualidade do lugar em que vivem. Ressaltamos que a formação para o desenvolvimento local sustentável, seja na relação entre as pessoas e o meio ambiente que habitam, seja entre os sujeitos, valorizando sua identidade com o rural, qualificam o trabalho da PA e das EFAs. Não obstante, a existência da tensão em continuar os estudos (fazer uma faculdade) ou ir trabalhar, ou ainda em equilibrar as duas opções, perpassa a vida destes jovens, fato característico desta categoria social, mas não tão característico para o mundo do campo, que historicamente incentivava o jovem ao êxodo ou ao trabalho braçal.

Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para a compreensão destes processos de formação e suas peculiaridades culturais e sociais. Contribuir também para a avaliação de como tais espaços podem e devem colaborar com um novo perfil de atuação da juventude camponesa atual e como estes atribuem novos sentidos à escola, que no caso da EFA tem como principal proposta à demanda social de seus estudantes. Ressaltamos a importância que tais estudos podem trazer para o tema juventude, e a necessidade de fortalecer o debate e investigação no que concerne à pesquisa e atuação educacional no campo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, W. H.; BRANCO, P.P. M. (orgs.). 2005. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Editora Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania.
- ANDRÉ, M. E. D. A. e LUDKE, M. 1986. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). 2004. *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CARNEIRO, Maria José. 2005. Juventude Rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania.
- CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. 2007. *Escola família agrícola do sertão: entre percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais*. Tese de Doutorado. Programa de Pós graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.
- BARBOUR, Rosaline. 2009. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed.
- DURSTON, John. 1998. Juvetud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. In: *Serie Políticas Sociales: comisión económica para América Latina y el Caribe*. Santiago de Chile: Naciones Unidas. Disponível em: <http://www.cinterfor.org.uy/public/> Acessado em: 15 de janeiro de 2010.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

- GOLDENBERG, Mirian. 1999. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 3. ed Rio de Janeiro: Record.
- MELUCCI, Alberto. 1996. Juventude, tempo e movimentos sociais. Trad. Angelina Teixeira Peralva. *Revista Young*. Estocolmo: v.4, nº2, p.3-14. Disponível em: www.scielo.br. Acessado em: 18 de setembro de 2009.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. 2007. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- QUEIROZ, João Batista. 2004. *Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: Ensino Médio e Educação Profissional*. (Tese) Doutorado – Universidade de Brasília, UnB, Brasil.
- VELHO, Gilberto. 2006. Juventude projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M^a Isabel de, e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- YIN, Robert K. 2005. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.